

## **As Festas de Independência em Cartagena de Indias**

### **História, Conflito e Cultura num Porto do Caribe**

*Milton Moura*

(Universidade Federal de Bahia. Salvador de Bahia)

Artigo recebido em agosto de 2013 e aprovado para publicação em novembro de 2013

Revista Brasileira do Caribe, São Luis-MA, Brasil, Vol. XIV, nº27, Jul-Dez 2013, p. 43-67

#### **Resumo**

As comemorações da Independência de Cartagena de Indias, culminando no *Once de Noviembre*, constituem um ponto alto da cultura cívica, lúdica e festiva da Costa colombiana. O texto trata de como os diferentes setores de sua população, incluindo moradores dos bairros populares e do Centro Histórico, governantes e gestores culturais, têm desenvolvido diversas formas de atuação nesse campo, buscando aí legitimar suas posições. A etnicidade é compreendida como um elemento fundamental nessa dinâmica, assumindo uma dramaticidade especial no momento da Festa. Abordam-se ainda relações entre a dinâmica da Festa e outras dinâmicas situadas no campo das representações e das práticas artísticas, envolvendo o conflito entre diversas configurações musicais e de modelos estéticos em geral.

**Palavras-chave:** Cartagena de Indias, Festa, Violência, Colômbia, Etnicidade.

#### **Observações sobre a historiografia de Cartagena de Indias**

A historiografia colombiana é consideravelmente rica, sobretudo aquela produzida nos últimos vinte anos. Entretanto, não se encontram estudos sobre a história de Cartagena de Indias na mesma proporção quando se chega ao século XIX. Mesmo coletâneas densas como *Colombia*, com direção geral de Eduardo Posada Carbó – seja o volume coordenado por Adolfo Meisel Roca (2012), seja aquele coordenado por Beatriz Castro Carvajal (2012) – tratam a Colômbia de nossos dias como resultado dos desdobramentos da antiga província de Nova Granada. No máximo, fala-se da tentativa de independização de Cartagena de Indias; não se destaca o processo pelo qual foi possível, a esta cidade, manter-se como um Estado soberano por quatro anos, até que as tropas espanholas o derrotaram. O trabalho de História Econômica de Margarita González (2005)

tampouco faz exceção à regra, olvidando a relevância das estratégias de Cartagena de Indias no sentido de construir uma identidade sócio-política tendo no centro as atividades comerciais. Em se tratando da Costa, o período da conquista e da colonização despertou maior fascínio que os séculos posteriores. Assim atesta um impressionante conjunto de pesquisas construídas com base no Arquivo de Indias, em Sevilha, como a de Maria Carmen Plá (1983), provavelmente a mais conhecida, com um cortejo impressionante de desembarques, batalhas, negreiros, etc.

Na contramão desta constante se coloca a contribuição de Marco Palacios e Frank Safford (2002). O desenho fragmentário do país, do ponto de vista geográfico, é associado às muitas divisões políticas, económicas e culturais da sociedade colombiana. Esta aparece na contribuição destes autores como um projeto político experimentando um difícil processo de unificação em torno da consolidação de um Estado-nação, e não como um dado a partir do modelo político-burocrático atual.

Alfonso Múnera (2010) aporta uma contribuição chave para compreender as razões do caráter periférico atribuído à história de Cartagena de Indias e de sua participação na construção da Colômbia. Segundo o autor, os três mais conhecidos historiadores tradicionais que se debruçaram sobre *La Heroica*, quais sejam, José Manuel Restrepo (1942-1950), Gabriel Jiménez Molinares (1948-1950) e Eduardo Lemaitre (1983), marcaram suas obras com cores etnocêntricas. O que se depreende da leitura de Múnera, contudo, é que ao mesmo tempo

em que se mostraram enviesados no que concerne ao campo da etnicidade, reconheceram, em contrapartida, a importância central deste campo no traçado não só da história cartageneira, como da própria dinâmica de construção de sua historiografia.

Com efeito, vêm de Múnera as obras que aqui se consideram referenciais para a construção de uma História Social de Cartagena de Indias: *Fronteras Imaginadas* (2005) e sobretudo *El Fracaso de la Nación* (2008). Para o autor, é fundamental compreender a história cartageneira tomando basicamente os seguintes aspectos: a) é uma sociedade baseada no escravismo, vigente até inícios do século XIX; b) seus habitantes foram e continuam sendo na maioria negros; c) desde o século XVII, havia um setor significativo de negros livres e artesãos; d) é um porto caribenho que sempre manteve relações íntimas com o conjunto do Caribe e, em certa medida, do mundo, o que só aconteceria com as cidades andinas no século XX (2008, p. 27). A proposição de Múnera apresenta como indissolúvel o entrelaçamento entre os aspectos étnicos e de classe na construção da sociedade em questão. Este ponto é fundamental na perspectiva desta reflexão.

Entre o final do século XX e inícios deste século, esta perspectiva foi desenvolvida pela antropóloga francesa Elisabeth Cunin, que desencadeou uma série de estudos sobre etnicidade e idade em Cartagena de Indias. Seu trabalho mais conhecido, *Identidades a flor de piel: lo “negro” entre aparências y pertinências: mestizaje y categorías sociales em Cartagena* (2003) é um marco desta reflexão. Enfim, uma História Social do Caribe que não contemplasse o fator étnico no centro de sua perspectiva teórico-metodológica seria no mínimo ingênua.

Por ocasião do bicentenário da Independência de Cartagena, em 2011, o Banco da República financiou uma contribuição relevante sobre aspectos pontuais da história colombiana no início do século XIX, coordenada por Haroldo Calvo Stevenson e Adolfo Meisel Roca (2011). Esta coletânea permite ao leitor acercar-se da capilaridade do processo de construção e perda da independência por Cartagena de Indias, revelando, entre outros pontos, a precariedade de sua economia e de sua organização social e política.

Sem negar a importância desse tipo de pesquisa, a opção aqui adotada é priorizar a perspectiva que reconhece, no prosaico da História Social, a conflitividade étnica. Neste sentido é que vemos a obra de Múnera como fundamental, e também neste sentido é que buscamos estabelecer interfaces de diálogo teórico-metodológico com autores como Emilio Turbay (2009), através de sua tese sobre as contradições da mestiçagem. Trata-se de uma crítica radical à imagem de um colombiano feliz, amável e naturalmente afeito à dança e à música. É significativo que tenha relacionado a pobreza atual de Cartagena de Indias à sua história de pirataria e centro de tráfico negreiro, bem como polo oposto àquele representado por Santa Fé de Bogotá. O desenvolvimento das condições de vida de sua gente foi sempre menos importante que os papéis históricos correspondentes à condição de porto e cidadela nos séculos de conquista e da colonização, com tudo o que isto significa em termos de estruturação étnico-racial.

No que diz respeito à história das festas de Cartagena de Indias, especificamente, contamos com contribuições recentes muito ricas, algumas delas articuladas com estudos comparativos mais amplos, em termos de Caribe como região geo-político-cultural.

Edgar Rey Sinning (2008) oferece um interessante painel das festas do Caribe colombiano, construído a partir dos registros da exaltação e das comemorações oficiais. Mais consistentes, entretanto, são os trabalhos de Edgar Gutiérrez. Em *Fiesta de la Candelaria em Cartagena de Indias* (2009), a história desta comemoração é resgatada de forma a iluminar aspectos mais amplos da História Social da cidade, com destaque para a participação dos negros e mestiços. Uma das fontes em que se baseia o autor são as crônicas de Joaquin Posada Gutiérrez (1951), que descrevem

com minúcias as Festas da Candelária, com informações preciosas sobre a dinâmica interétnica no Caribe. É em *Fiestas: Once de Noviembre em Cartagena de Indias* (2010), que Edgar Gutiérrez se coloca como uma referência central para esta reflexão, desde quando escreve sobre as Festas da Independência na perspectiva da cultura popular, sempre relacionando esta cultura ao conjunto das manifestações lúdicas e artísticas da cidade, bem como às transformações tecnológicas associadas a este campo.

Para as décadas posteriores, a referência mais completa é *Cartagena Festiva*, de Enrique Vélez (2007), que desenvolve uma periodização em que se percebem momentos de crise e redefinição das Festas de Independência, com descrições pormenorizadas dos aspectos plásticos, cênicos e musicais. O mesmo autor tem escrito sobre recortes mais específicos da História de Cartagena, como é o caso de *Adolfo Mejía, viajero de sí mismo* (2011). A riqueza de informações e as pistas de reflexão de Vélez vêm se somar aos trabalhos de Jaime Díaz Quintero (2002), sobre o teatro em Cartagena de Indias, e Jorge Nieves Oviedo (2008). Este último autor, a partir da perspectiva semiótica, abre portas para a discussão das práticas culturais em termos de mercado, através da folclorização, enfrentando também o problema da relação entre as práticas culturais e as mudanças tecnológicas.

A coletânea organizada por Freddy Ávila Domínguez, Ricardo Pérez Montfort e Christina Rianudo (2011) figura como provavelmente a discussão mais ampliada, entre aquelas recentes, sobre a relação entre práticas musicais e coreográficas, midiaticização e construção de identidades no Caribe, tomando por base as cidades de Cartagena de Indias, Vera Cruz e La Habana.

São analisadas algumas trajetórias de artistas como eixo de discussões como aquela sobre a midiaticização do “afro”. O conceito que unifica os diversos artigos é o de circulação cultural. Desdobrando intuições de autores como Stuart Hall, a coletânea se pergunta pelo que seria negro na cultura negra caribenha tal como se há midiaticizado desde o início do século XX. Estes aportes são relevantes no estudo das Festas da Independência, considerando a importância crescente que a produção midiática tem desempenhado nas suas transformações.

O estudo das práticas festivas, situadas no campo mais amplo das práticas estético-culturais, leva a estabelecer conexões com discussões sobre como a cultura caribenha se tornou conhecida em boa parte do mundo e se midiaticizou intensamente, sobretudo a partir da música e da dança. Este processo de midiaticização é inseparável do modo como se desenvolveram as festas em Cartagena de Indias. Neste sentido, a contribuição de Peter Wade, *Music, Race, and Nation* (2000), é fundamental, porquanto situa os estilos musicais como Caribe colombiano no âmbito de uma

dinâmica étnico-cultural complexa. A guerra entre os estilos musicais e as diversas práticas aí envolvidas é um aspecto que o historiador não poderia olvidar na abordagem das festas populares.

### **Pontuações sobre a história das festas cartageneiras**

Em 11 de novembro de 1811, o grupo de dirigentes reunidos para discutir a situação de Cartagena de Indias diante das Cortes de Cádiz é pressionado por um grupo tão ruidoso quanto vigoroso de moradores, na sua maioria negros, como praticamente tudo que dizia e diz respeito aos setores populares nessa cidade, vindos do bairro de Getsemaní, sob a liderança do negro cubano Pedro Romero. Tornaram-se conhecidos como os *Lanceros de Getsemaní*. Proclama-se, então, a *Independência Absoluta* de Cartagena, o que corresponde à recusa radical de negociação com o governo espanhol, após o fracasso de diversas tentativas. Durante quatro anos, Cartagena de Indias conseguiu manter sua soberania, num processo consideravelmente distinto daquele que caracterizou as regiões andinas e a atual Venezuela. Em 1815 e 1816, os rebeldes foram executados pelas tropas espanholas chefiadas pelo General Morillo. A cidade foi incorporada ao que viria a formar a atual Colômbia, num processo que envolveria muitas reconfigurações geopolíticas, chegando a incluir uma guerra civil. Este capítulo da história americana está longe de ser simples e dificilmente se poderia dar conta de suas particularidades num número modesto de páginas.

Apesar de o Estado colombiano haver definido o 20 de julho como sua data nacional e sustentar uma narrativa convencional da história da construção nacional, a cidade de Cartagena de Indias manteve a comemoração de sua data maior, *el Once de Noviembre*. Isto remete às próprias contradições da forma como a Costa – o Caribe colombiano – se integra ao conjunto do Estado-Nação. Se, por um lado, o processo histórico de independência de Cartagena de Indias e sua posterior integração à Colômbia é muito singular, o Estado colombiano mantém estratégias centrípetas como a realização aí de *cumbres*, reuniões de governo e o *Reinado de Belleza*, a eleição da Miss Colômbia, com grande publicidade e popularidade, na cidade que ensaiou sua independência anos antes que o fizessem as regiões andinas sob a hegemonia de Santa Fé de Bogotá. Isto só parcialmente é explicado pelo fato de ser Cartagena de Indias a cidade que maior movimento turístico apresenta na Colômbia.

*El Once*, como são conhecidas as comemorações da Independência em Cartagena de Indias, passou por transformações radicais e frequentes, observando-se nestes duzentos anos uma polarização mais ou menos aguda entre os setores hegemônicos da sociedade cartageneira, descendentes dos *criollos*, e a maioria da população, descendente de escravos e (em menor proporção) de índios, registrando-

se nas últimas décadas uma imigração significativa proveniente das regiões rurais próximas, sobretudo as áreas correspondentes aos atuais Departamentos de Sucre e Córdoba, além do interior do próprio Departamento de Bolívar, incluindo a cidade histórica de Mompox e seus arredores.

Há uma rica documentação – inclusive fotográfica – sobre as comemorações do primeiro século da Independência, em 1911, cujo acontecimento nuclear foi a inauguração do Parque Centenário. Veem-se aí automóveis, carros alegóricos com moças vestidas à francesa, enfim, um Carnaval à moda de Nice, como havia em diversas cidades do continente.

A participação dos setores populares na Festa de Independência até os anos 70 não mereceu muitos registros nos vários periódicos que a cidade manteve ao longo do século XX. Isto se percebe nitidamente através da consulta aos acervos de dois periódicos que se destacam no cenário regional no século XX. O primeiro é o *Diario de la Costa*, cuja coleção de 1917 a 1946 está disponível no Archivo Histórico de Cartagena de Indias. O segundo é *El Universal*, cuja coleção integral, desde 1948 aos nossos dias, se encontra tanto no Archivo acima citado como na sede do próprio periódico. Na coleção de *El Universal*, as notícias sobre a participação popular nas Festas de Independência são muito escassas até as últimas décadas do século XX, sendo que a quantidade de espaço tomado por essas notícias cresce consideravelmente a partir do final do século, alcançando o máximo na primeira década do nosso século, com ampla documentação fotográfica. É significativo que as notícias sobre o 11 de novembro, nas primeiras décadas de edição de *El Universal*, se limitem a pronunciamentos oficiais, inclusive de autoridades de Bogotá. Nem mesmo a agenda das festividades comparece às edições.

Progressivamente, as atividades são noticiadas de forma que é possível identificar diferentes formas de comemoração, segundo os setores sociais que as organizam.

Sabe-se que a prática de diversos tipos de música e dança de origem africana e espanhola na Costa era frequente, e a historiografia registra ajuntamentos para a folia desde o século XVI, sobretudo no bairro negro de Chambacu, situado na parte oriental da cidade. O que sobressai nos periódicos do século XX, contudo, é a *Batalha de Flores*, quando da passagem das *carroças* com as moças *de boa família*, e as cerimônias oficiais como a leitura do *Bando* – assim ficou conhecida a Declaração da Independência Absoluta, como um signo da participação do *bando* que saiu de Getsemaní decidido a instar junto aos dirigentes cartageneiros.

O registro fílmico mais antigo que se divulgou da participação popular nesta festa é um trecho de *Llamas contra el Viento*, longa metragem mexicano dirigido em 1955 por Emílio Gomez Muriel (<http://www.youtube.com/watch?v=St8-GQ226vk>). Os depoimentos colhidos para a elaboração

deste artigo junto a moradores de Cartagena de Indias nascidos nas décadas de 20, 30 e 40 dão conta de dois divertimentos principais: *los disfrazes*, com destaque para os *capuchones* no caso dos adultos, e diversos tipos de música e dança, sejam os praticados nos bairros da própria Cartagena, sejam aqueles trazidos do interior da Costa. Enquanto em locais sofisticados como o Club Cartagena se praticavam os ritmos da moda presentes nos filmes de sucesso, quase sempre relacionados a Cuba – sendo o mais prestigiado o bolero –, o povo dançava a cumbia, o vallenato, o bullerengue e muitas outras formas musicais e coreográficas.

Em 1950, Cartagena de Indias contava 250 mil habitantes. Era uma cidade relativamente pacata que vivia sobretudo em função de sua localização segura à beira-mar, como se vê em alguns textos de Gabriel Garcia Marquez. O Mercado de Getsemaní era o principal centro urbano de abastecimento, além de polo difusor das novidades musicais, com os primeiros *picós* (caixas de som) nas *casetas* (barracas) dispostas ao longo das unidades comerciais.

O porto era – e continua sendo – a principal atividade econômica da cidade. À sua inauguração, em 1934, compareceram tanto o presidente da Colômbia, Olaya Herrera, como o seu colega norte-americano, Franklin Roosevelt. Para marcar a importância do evento e consolidar a visibilidade de Cartagena nos circuitos midiáticos nacional e internacional, o Sr. Ernesto Carlos Martelo passou a organizar o concurso solenemente batizado como *Reinado Nacional de Belleza*, ainda hoje realizado anualmente na bela cidade que, nos tempos de colônia, era cognominada de *la joya de la corona*. Não é difícil confirmar, pelos registros fotográficos, que as jovens vencedoras deste cobiçado certame foram quase sempre brancas, de cabelos lisos e comportamento convencional de classe média escolarizada, consagrando os padrões estéticos etnocêntricos que não correspondem aos da grande maioria da população.

Este, contudo, não foi o único concurso de beleza feminina criado em Cartagena de Indias na mesma década. Em 1937, deu-se o primeiro certame da *Reina del Once de Noviembre* (Ver <http://www.youtube.com/watch?v=aKnjx2Ft4C0>), que não se destinava a escolher uma candidata para etapas posteriores; pelo contrário, identificava-se com o caráter da festa. Em maior ou menor medida, observa-se tensão nesta duplicidade.

Nas últimas décadas, estes ares de cidade pacata foram desvanecendo e a polarização social adquiriu novas configurações, com a entrada em cena de movimentos sociais que buscaram se visibilizar, competindo com as formas espetaculares das elites. No sentido de buscar compreender o processo sócio-histórico de transformações da cidade, em cujo contexto se transformam as Festas da Independência, propomos tomar como baliza inicial o desmonte do Mercado de Getsemaní, em

1978.(<http://www.youtube.com/watch?v=aKnjx2Ft4C0>, <http://www.eluniversal.com.co/suplementos/dominical/de-getsemani-bazurto>).

Os periódicos registram queixas contínuas dos moradores e da Alcaldía contras as condições higiênicas das instalações do Mercado, além de críticas a aspectos comportamentais, como o volume do som que, emanando vigorosamente dos *picós*, chegava até o Centro Histórico. Observadas as diferenças em termos de período, este processo não deixa de guardar homologias e analogias com relação ao que aconteceu no centro do Rio de Janeiro no início do século XX, na gestão do Prefeito Pereira Passos.

Ironicamente, foi em boa medida através deste *picós* que se generalizou o costume de ouvir ritmos como merengue, rumba, chá-chá-chá, calypso, reggae e aquele que se tornou o mais conhecido, a salsa, sendo adotado pelas classes médias como gênero musical culto a partir de sua assimilação pela mídia norte-americana e seu sucesso em várias grandes cidades do mundo ocidental.

Não por coincidência, logo após a desativação do Mercado de Getsemaní, começou a “limpeza” do bairro popular de Chambacu, que desde o século XVII comparece aos documentos como local de concentração de negros, escravos e libertos, inclusive para os seus batuques.

A maior parte dos comerciantes que ocupavam os boxes do Mercado de Getsemaní se transferiu ao Mercado de Bazurto, numa zona que, se não era tão distante, não era próxima o suficiente para incomodar os moradores do Centro e do bairro de Manga, que advogavam um padrão mais asséptico para a cidade. É importante remarcar um outro aspecto do desmonte do velho Mercado: a proliferação das *casetas*, com seus *picós* e seu repertório moderno, para toda a área a oeste e sul do velho Centro e do bairro de Getsemaní, na qual a cidade começava a se expandir. É neste sentido que o desmonte do antigo Mercado de Getsemaní e a formação de diversas *casetas* nas áreas de Cartagena de Indias são tomados, neste artigo, como um marco estratégico para a compreensão do processo de transformação das Festas de Cartagena de Indias.

O crescimento e a diversificação da cidade não estão ligados apenas ao movimento do porto, ainda hoje a principal fonte de emprego no setor secundário de Cartagena. Mais que isto, relacionam-se aos conflitos agrários que se agravaram nos anos 80 e 90, envolvendo camponeses, latifundiários, guerrilheiros, militares e paramilitares. O resultado deste conflito contínuo, com maior intensidade naquelas duas décadas e de forma menos grave nas seguintes, foi o *desplazamiento* de cerca de 450 mil pessoas nas regiões próximas de Cartagena, sendo que a maioria destes *desplazados* procurou sobreviver aí. As estimativas da Alcaldía Mayor para o ano de 2012 era que os bairros de Nelson Mandela e El Pozón reuniam 45.000 e 60.000 novos habitantes respectivamente. Estes números

podem sugerir as dificuldades enfrentadas por seus moradores em termos de qualidade de moradia, saúde, educação, lazer, transporte, etc., bem como os desafios colocados aos poderes públicos no sentido de prover serviços nesse âmbito.

Estes novos moradores de Cartagena de Indias, sejam os migrantes, sejam os seus descendentes de primeira e segunda geração, não se sentiam identificados com as motivações tradicionais das Festas de Independência, inclusive porque a informação historiográfica acerca disto não lhes era disponível. O que desejavam e praticavam, por ocasião destas Festas, eram bailes em *casetas* cada vez amplas, que contavam com *picós* cada vez mais poderosos, difundindo os ritmos do seu gosto, considerados inferiores e mesmo lamentáveis pelas elites tradicionais da velha cidade, como se pode ler em inúmeras edições de seus periódicos. A antinomia entre os setores estabelecidos em lugares mais centrais e/ou considerados mais nobres tinha correspondência na antinomia entre os ritmos considerados *la buena música* e *la mala música*.

Entre esses ritmos, destaca-se a *champeta*, que se insere no rol dos muitos estilos caribenhos que circulavam, e circulam, com muita vibração entre as cidades da Costa, como Cartagena e a vizinha Barranquilla. Enquanto a salsa adquiria o status de ritmo artisticamente aprovado, com gravações de arranjos relativamente sofisticados que percorriam meio mundo, a *champeta* mantinha, e ainda mantém, sua conotação de criação popular de mau gosto entre as classes médias. O próprio nome deste estilo musical é “suspeito”: a *champeta* é um tipo de faca cuja lâmina tem cerca de 20 cm, sendo que frequentadores dos bailes das *casetas* daquele tempo informaram que alguns *champeteros* dançavam com a arma pendurada às costas, considerando uma eventual necessidade.

### **O quadro atual das Festas de Independência**

Que fizeram então estes novos moradores que chegavam a cada ano e buscavam inserir-se no contexto festivo da grande cidade portuária? Não somente instalaram *casetas* e *picós* em quase toda parte. Em vários desses bairros, criaram *cabildos*, seguindo aproximadamente o modelo do *Cabildo* de Getsemaní. Alguns desses *cabildos* vêm dos anos 1970, como o do bairro popular de Torices. Outros são mais recentes. Estes *cabildos* passaram a participar dos cortejos das Festas de Independência, realizando festivais locais muito participados, incluindo concursos de música e dança, com destaque para a escolha de uma candidata ao *Reinado de Belleza Popular*.

Esta inserção no contexto oficial das Festas oportunizou e estimulou a assimilação de elementos historiográficos antes desconhecidos por seus moradores, como a narrativa básica do processo de declaração da Independência Absoluta de Cartagena de Indias, destacando-se aí o protagonismo dos

negros na vida política da cidade já no início do século XIX. É emblemática deste protagonismo a figura do fundidor Pedro Romero. No próprio bairro de Getsemaní, pode-se ver pinturas de grafite e spray retratando o líder cubano do Bando do 11 de novembro.

Ao longo dessas décadas, a cidade tornou-se acentuada-mente violenta, como se pode constatar diariamente através dos jornais, da televisão e das inúmeras postagens na Internet. O clima de insegurança se instalou por quase toda a sua extensão e uma cultura de medo se apoderou de seus moradores, alcançando principalmente os mais antigos, boa parte dos quais cultivava a memória de uma Cartagena marcada por uma convivialidade comunitária, doméstica e acolhedora. Este traço da violência se faz sentir no repertório e nos espetáculos de ritmos como a *champeta* e o *reggaeton* (de origem porto-riquenha), bem ao contrário do que se pratica nos bailes de salsa.

A história da *champeta* (PAULHIAC, 2011) bem como a do *reggaeton*, apresenta um elemento consideravelmente distinto com relação àquela de outros ritmos caribenhos. Este traço diz respeito aos mecanismos de difusão de seu repertório: não se trata mais de suportes físicos, como o vinil, o CD, DVD e o *pendrive*, mas do próprio acesso ao Youtube, seja pelo computador de mesa, seja pelos computadores portáteis e, hoje mais que há alguns anos atrás, pelo celular. Isto inscreve estes estilos em circuitos mais velozes e descentralizados, conferindo-lhes uma marca ao mesmo tempo local e potencialmente mundial. Não se trata de um alheamento da *champeta* com relação à singularidade do contexto local. Trata-se, sim, de uma nova concepção experimentada e representada da relação entre o local e o global, que não passa necessariamente pela mediação do nacional como categoria intermediária.

Um outro aspecto problemático deste processo de modernização e urbanização precária e ambígua de Cartagena de Indias é a turistização. Em virtude do seu patrimônio histórico-cultural e da proximidade de praias paradisíacas, a cidade tornou-se o destino de um sem número de roteiros turísticos, demandando de seus dirigentes políticas adequadas à industrialização de setor. Ergueram-se hotéis de diversos padrões, principalmente na península de Boca Grande, bem como se aproveitaram edificações dos séculos XVIII, XIX e início do XX, na *ciudad amurallada* e em Getsemaní, para a formação de pousadas e *hostels*. Este processo se verifica muito nitidamente no bairro de San Diego, na área entre as muralhas, acarretando modificações substanciais na forma de convivência dos moradores – antigos e novos – e na própria configuração arquitetônica do lugar.

A turistização funcionou como um argumento para pleitear a “higiene social” da cidade, incluindo a padronização de vários elementos de sua vida cultural, como a indumentária das *palenqueras*, mulheres vendedoras de frutas que sobressaíam – e em certa medida ainda sobressaem – na sua

paisagem humana. É significativo que, no lugar em que se encontrava o Mercado de Getsemaní, ergue-se hoje um moderno Centro de Convenções, que abriga eventos de grande porte, muitos deles de âmbito internacional.

Em qualquer aglomeração festiva, percebe-se o risco da eclosão de *peleas*, que podem resultar em morte. A brincadeira que consiste em *pelear* com *bolsitas de água* tem se tornado cada vez mais frequente e violenta, podendo estas conter fragmentos de pedra. O acervo do Youtube disponibiliza centenas de filmagens destes embates, sendo que na maior parte destes se percebe um enfrentamento prazeroso entre os contendores. A guerra se faz presente na cultura lúdica e festiva de Cartagena de Indias de forma que não pode passar despercebida a qualquer observador, mesmo aquele que não se aventure por entre os bairros populares.

Enfim, a antiga cidade portuária não é exceção no contexto da sociedade colombiana, tão marcada pela violência. Um novo tipo social antes restrito a áreas rurais alcançou as ruas das cidades médias e grandes: o *sicário*, matador de aluguel. Este personagem emblemática a nova forma com que o terror se apresenta aos setores populares, principalmente áreas ainda não integradas dinamicamente aos circuitos capitalistas: o paramilitarismo. Mais conhecido que este, entre os leitores brasileiros e possivelmente de outros países, é o narcotráfico, sendo escusado estender-se sobre este item. O que salta aos olhos a quem estuda a sociedade colombiana nas últimas décadas é a combinação tensa dessas diversas formas de violência: o narcotráfico, o paramilitarismo e a guerrilha na forma como se configurou a partir dos anos 90.

Estas transformações não poderiam deixar imunes as Festas de Independência. Seja pela comparação entre as notícias de jornal que dizem respeito ao nosso objeto, seja pela escuta atenta dos depoimentos dos moradores, percebe-se como o medo passou a ser onipresente nas festividades, fazendo com que boa parte da população se retivesse em casa, evitando assim estressar-se ou mesmo ferir-se durante uma *pelea*. Esta cultura do medo tem como uma das consequências a diminuição da média etária dos participantes das brincadeiras; a maior parte dos frequentadores destas festas passa a ser de crianças, adolescentes e jovens.

A violência alcançou também o concurso das *reinas populares de beleza*, sendo que inúmeras vezes as jovens candidatas eram conduzidas a se prostituir para concorrer fortemente ao título; os bares em que se expunham à apreciação dos políticos e empresários eram chamados *gozones*.

Em 2004 – ou seja, bem recentemente –, a resposta articulada de um grupo de organizações da sociedade civil a esta configuração das Festas de Independência está consubstanciada no documento *Princípios para la Política Pública de las Fiestas de Cartagena*. Os rumos propostos neste

documento foram assumidos no mandato da Alcaldessa Judith Pinedo, entre 2008 e 2011, caracterizado pela assunção ao poder de uma frente pluralista que trouxe ao mundo dos festejos públicos traços inéditos. Uma das frentes de atuação priorizadas foi justamente a recuperação do *Reinado Popular de Belleza* como um espaço de participação festiva democrática. Outra estratégia foi a ênfase na escolha do *Gran Lancero* do ano, como um modo de cultivar a memória dos *lancersos de Getsemaní*.

As formas de atuação dos setores mais ligados aos movimentos sociais populares desaguaram numa participação cada vez maior desses setores nas Festas de Independência. No ano de 2011, quando se comemorou o Bicentenário da *Independência Absoluta* de Cartagena de Indias, a configuração das Festas era bem diferente do que havia sido vinte anos antes, como se vê na ampla documentação da imprensa, inclusive do Youtube. A Festa do Bicentenário contou com a participação visível e destacada de uma quantidade notável de grupos populares, incluindo setores como a população gay. Em contrapartida, a violência que caracteriza as sociedades latino-americanas – no caso presente, a Colômbia e, mais especificamente, Cartagena de Indias – se fazia notar nitidamente na realização das festas, seja através das *peleas*, seja na forma compulsiva e agressiva de usar tinturas – o *polvo rojo*, o *azulin* e a maisena – em brincadeiras. Estes aspectos passaram a justificar atitudes que por sua vez realimentam uma cultura do medo, sendo que boa parte dos antigos moradores da cidade deixou de participar das festas, preferindo refugiar-se em casa e/ou num passado mais ou menos longínquo. Isto tem sido capitalizado pelos setores mais conservadores da política local, que vêm se pronunciando sobre a necessidade de “recuperar aquilo que se perdeu”. O Bando de San Diego, provavelmente o mais concorrido e animado daqueles que alcançavam o Centro Histórico, foi proibido em virtude do “crescimento da violência”. Estes dramas estão abundantemente noticiados nos periódicos locais.

O grupo que dirige hoje a Alcaldía Mayor de Cartagena de Indias, chefiado pelo Alcalde Dionísio Vélez e comprometido com a adequação da cidade a padrões modernos adequados à turistização, tem colocado dificuldades para a participação dos grupos organizados pelos setores populares mais pobres e oriundos dos bairros periféricos. Percebe-se, nos pronunciamentos do Alcalde como naquela de articulistas conservadores nos jornais, uma preocupação em “retomar o que é nosso” e “fazer com que as Festas de Cartagena voltem a ser o que eram”.

### **Considerações finais**

Passado e presente travam uma *pelea* nas ruas de Cartagena de Indias. Diante da dificuldade de participar dos cortejos oficiais do *Once*, em 2013, dezenas de *cabildos* organizaram festas em seus bairros, com a eleição de uma *reina* e um clima feérico de Carnaval. Organizaram-se *reinados* em escolas, supermercados, bairros, etc., como já vinha acontecendo nos últimos anos.

Reservou-se um dos dias anteriores ao *Once* para o desfile dos grupos populares “selecionados por uma comissão”. A Alcaldía e a polícia proibiram o consumo de bebidas alcoólicas, bem como o uso de espumas, *polvo rojo*, *azulin*, maisena e *bolsitas de água*.

Duas horas após o início do cortejo, todos estes artigos circulavam amplamente e havia *peleas* inclusive no espaço reservado como palco das apresentações. *Pandillas* de crianças e adolescentes se enfrentavam prazerosamente, mostrando-se pouco temerosas diante das investidas dos policiais e seus cavalos.

O cortejo oficial, no dia 11 de novembro, constava de militares e “grupos cívicos”, como anunciado pela imprensa. O Alcalde discursou para pouco mais de cem pessoas em frente a um dos monumentos históricos da cidade, exatamente no local em que foram mortos os rebeldes que se negaram a capitular diante do exército espanhol em 1815. Em quase todos os bairros, a população mais pobre fazia seus pequenos Carnavais. A duzentos metros deste local, na praça central do bairro de Getsemaní, os festejos estavam animados, agregando centenas de foliões, inclusive na véspera. Muitos destes foliões usavam *disfrazes* e brincavam com espuma, com os pós proibidos e com muita água, fazendo ao observador brasileiro lembrar necessariamente as crônicas do Entrudo.

O prosseguimento desta reflexão não poderia elidir a orientação dos diversos atores aí implicados, relacionando a história destas Festas tanto aos componentes estruturantes como às singularidades históricas da cidade. Na busca de compreender a disputa por espaço no âmbito das Festas de Independência em Cartagena de Indias, é importante levar em conta as diferentes expressões musicais, coreográficas e plásticas associadas aos diferentes setores que disputam a hegemonia neste campo, buscando fortalecer-se e perdurar na cena festiva.

Um aspecto da problematização que surge com especial vigor é a importância que a apropriação de elementos historiográficos tem assumido em determinadas situações e ambientes. Neste sentido, a relação entre a História e a própria historicidade da prática historiográfica parece sedutora. É um aspecto que poderia ser enfrentado por novas pesquisas.

Enfim, trata-se de responder à pergunta: em que sentido podemos afirmar que os setores que vêm participando das Festas de Independência nesse período vêm organizando e expressando representações sobre a cidade e suas condições de vida, enunciando, em linguagem festiva,

proposições sobre identidades e alteridades, num contexto acentuadamente conflitivo? As Festas da Independência vêm se configurando historicamente como uma ocasião em que as contradições da cidade de Cartagena de Indias e – de certa forma e em certa medida – da sociedade colombiana são teatralizadas de modo que a conflitividade subjacente às Festas se visibiliza a partir do jogo entre as diferentes formas de atuação aí documentadas.

### Referências bibliográficas:

- CARBÓ, Eduardo Posada, *Colombia*. Volume I, Crisis imperial e independência. Coord. ROCA, Adolfo Meisel. Madrid: Fundación MAPFRE, 2012.
- CARBÓ, Eduardo Posada, *Colombia*. Volume II, La construcción nacional. Coord. CARVAJAL, Beatriz Castro. Madrid: Fundación MAPFRE, 2012.
- CUNIN, Elisabeth. *Identidades a flor de piel* El “negro” entre aparências y pertinências: mestizaje y categorías raciales em Cartagena (Colombia). Bogotá: IFEA/ICANH/Uniandes/ Observatorio del Caribe Colombiano, 2003.
- DOMINGUEZ, Freddy Ávila, MONFORT, Ricardo Pérez, RINAUDO, Christian (org.). *Circulaciones culturales*. Lo afrocaribeño entre Cartagena, Veracruz y La Habana. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social: El Colegio de Michoacán: Universidad de Cartagena: Institut de Recherche pour le Développement: Proyecto de la Agence Nationale de la Recherche (ANR), “Afrodescendants et Esclavages Domination, Identification et Héritages dans les Amériques”, 2011.
- GONZÁLEZ, Margarita. *Ensayos de historia colonial colombiana*. Bogotá: Punto de Lectura, 2005.
- GUTIÉRREZ, Edgar J. *Fiesta de la Candelaria em Cartagena de Indias*. Creer, poder y gozar. Medellín, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Fiestas: Once de Noviembre em Cartagena de Indias*. Manifestaciones Artísticas. Cultura Popular 1910-1930. Medellín: Editorial Lealon, 2010.
- JIMÉNEZ-MOLINARES, Gabriel. *Los mártires de Cartagena de 1816 ante el consejo de guerra y ante la historia*. Cartagena: Imprenta Departamental, 1948-1950, 2 vols.
- LEMAITRE, Eduardo. *Historia general de Cartagena de Indias*. Bogotá: Banco de la República, 1983, 4 vols.
- MÚNERA, Alfonso. *Fronteras Imaginadas*. La construcción de las razas y de La geografía em em Siglo XIX colombiano. Bogotá: Ed. Planeta Colombiana, 2005. 2ª edición.
- \_\_\_\_\_. *El Fracaso de la Nación*. Región, clase y raza em El Caribe colombiano (1717-1821). Bogotá: Ed. Planeta Colombiana, 2008. Nueva edición.
- \_\_\_\_\_. “Negros y mulatos em la independencia de Cartagena de Indias: un balance”. In: BONILLA, Heraclio. *Indios, negros y mestizos em la independencia*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana; Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia, 2010, p. 84-96.
- OVIEDO, Jorge Nieves. *De los sonidos del patio a la música mundo – semiosis nómades em el Caribe*. Observatorio del Caribe Colombiano. Iglesia de Getsemani. Bogotá: Convenio Andrés Bello / Observatorio Caribe Colombiano, 2008.
- PALACIOS, Marco, SAFFORD, Frank. *Colombia: país fragmentado, sociedade dividida*. Bogotá: Editorial Norma, 2002.
- PAULHIAC, Jean. En las redes de la champeta colombiana. In: *Repertório: Teatro & Dança* ano 14, n. 16, p. 97-132. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, 2011.

- PLÁ, María Carmen Borrego. *Cartagena de Indias en el siglo XVI*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos/Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983.
- POSADA GUTIÉRREZ, Joaquín. *Memorias histórico-políticas* [1865]; Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1951.
- QUINTERO, Jaime Díaz. *Historia del Teatro en Cartagena: de la Colonia a nuestros días*. Cartagena de Indias, Instituto Distrital de Cartagena / Medellín, Editorial Lealon, 2002.
- RESTREPO, José Manuel. *Historia de la revolución de la República de Colombia*. Bogotá: Talleres Gráficos, 1942-1950, 3 ed., 8 vols.
- SINNING, Edgar Rey. *Proclamaciones, exaltaciones y celebraciones en el Caribe Colombiano. Siglos XVIII-XIX*. Cartagena de Indias (Colombia), Ediciones Pluma de Mompox, 2008.
- STEVENSON, Haroldo Calvo y ROCA, Adolfo Meisel. *Cartagena de Indias en la Independencia*. Cartagena de Indias, Banco de la República, 2011.
- TURBAY, Emilio Yunis. *Por qué somos así? Que pasó em Colombia? Análisis del Mestizaje*. Bogotá: Temis, 2009.
- VÉLEZ, Enrique Luís Muñoz. *Cartagena Festiva. El 11 de noviembre y sus signos culturales*. Cartagena de Indias, Corporación Nacional Concurso de Belleza, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Adolfo Mejía. Viajero de sí mismo*. Cartagena de Indias, Ediciones Pluma de Mompox, 2011.
- WADE, Peter. *Music, Race, and Nation. Música Tropical in Colombia*. The University of Chicago Press, 2000.